

# PROBLEMATIZANDO A FORMAÇÃO DO EDUCADOR POPULAR A PARTIR DA DISCUSSÃO DA DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS

Alessandra Fonseca Farias<sup>1</sup>

Rafael Rossi<sup>2</sup>

Maria Peregrina de Fatima Rotta Furlanetti<sup>3</sup>

## Resumo

Diante da enorme demanda de pessoas analfabetas no Brasil, problematizamos a formação do educador popular que vai para a sala de EPJA – Educação de Pessoas Jovens e Adultas – pois acreditamos que só através de uma educação de fato popular e da efetivação das políticas públicas nacionais para esta modalidade de ensino conseguiremos garantir os direitos negados aos sujeitos da EPJA. Só pelas vias da educação popular é possível superar a negação com que se deparam esses sujeitos, negação ora à educação que lhes é direito, ora à sua dignidade, especificidade e diversidade, negações que o afastam cada vez mais do mundo letrado e, por conseguinte, do espaço político de reflexão sobre a sociedade a qual pertencem.

**Palavras-chave:** Educação de Pessoas Jovens e Adultas – EPJA, Diversidade dos Sujeitos da EPJA, Educação Popular, Formação do Educador Popular.

## Resumen

Delante de la enorme demanda de personas analfabetas en Brasil, problematizamos la formación del educador popular que actúa en la Educación de Personas Jóvenes y Adultas – eso pues creemos que solo a través de una educación popular de hecho y de la efectución de las políticas públicas nacionales para esta modalidad de enseñanza conseguiremos garantizar los derechos negados a los sujetos de la EPJA. Solamente por las educación popular es posible superar la negación con que se deparan estos sujetos, negación ora a la educación que es su derecho, ora a su dignidad, especificidad y diversidad, negaciones que os aleja cada vez más del mundo letrado y, por consiguiente, del espacio político de reflexión sobre la sociedad a la cual pertenecen.

<sup>1</sup> Pedagoga pela UNESP de Presidente Prudente – SP. E-mail: pedagoga\_ale@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestrando em Geografia na UNESP de Presidente Prudente – SP. E-mail: rafaelrossi6789@hotmail.com

<sup>3</sup> Docente vinculada ao Departamento de Educação da UNESP de Presidente Prudente – SP. E-mail: rotta@fct.unesp.br

**Palabras-clave:** Educación de Personas Jóvenes y Adultas – EPJA, Diversidad de los Sujetos de la EPJA, Formación del Educador Popular.

## Introdução

Quando nos deparamos com a realidade dos contingentes das pessoas analfabetas absolutas no Brasil (14 milhões<sup>4</sup>) percebemos que há um longo e árduo caminho a ser percorrido para a superação do analfabetismo no país. Ainda mais se contabilizarmos os analfabetos funcionais, o que gira em torno de 31 milhões de pessoas que não sabem compreender bem um texto e não possuem a certificação da educação básica, pessoas que tem seu direito à educação garantido desde 1948 na Declaração Universal dos Direitos Humanos em seu Artigo 26<sup>a</sup>:

1. Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito. (ONU, 1948)<sup>5</sup>

A educação de adultos compreende todo e qualquer tipo de educação destinada às pessoas consideradas adultas pela sociedade a que pertencem, onde através de um processo de aprendizagem, formal ou não, possibilita que essas pessoas enriqueçam os seus conhecimentos e/ou melhorem suas qualificações profissionais e técnicas (OLIVEIRA, 2006). No inciso VII do Artigo 4<sup>a</sup> da LDBEN está disposto: a "oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola" (BRASIL, 1996).

Aqui temos, pois, uma contradição: a educação em nosso país, em especial a Educação de Pessoas Jovens e Adultas – EPJA – é afirmada e garantida pela legislação nacional, porém é negada a milhões de brasileiros e brasileiras que são excluídos do sistema regular de ensino, tornando-se assim os sujeitos da EPJA<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Dados do IBGE 2010.

<sup>5</sup> Disponível em: [http://www.onu-brasil.org.br/documentos\\_direitoshumanos.php](http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php)

<sup>6</sup> Por Sujeitos da EPJA entendemos todas as pessoas maiores de 15 anos que não completaram seus estudos e estão ou não matriculados em cursos de EJA.

Sendo assim, dividiremos o texto em mais quatro momentos. Em um primeiro momento explicitamos a discussão sobre a diversidade dos sujeitos da EPJA, articulando com o segundo momento em que problematizamos a necessidade de uma formação do educador/a que seja congruente com tal perspectiva. O terceiro momento serve para ilustrar nossa discussão através das entrevistas realizadas e, por fim, no quarto momento reservamos às nossas considerações conclusivas a respeito do desenvolvimento do debate aqui proposto. Sendo assim, dúvidas e críticas são bem vindas para avançarmos coletivamente rumo à construção de procedimentos de pesquisa em Educação que estejam mais “afinados” e coerentes com as especificidades da EPJA.

### **A Diversidade dos Sujeitos da EPJA**

Quando falamos de educação destinada a pessoas jovens e adultas, temos que tomar o cuidado de não generalizar esse público apenas como "não crianças", e sim reconhecer os sujeitos situados no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea que não puderam seguir o caminho da escolaridade regular, conforme aponta Oliveira (2006), o tema " 'educação de pessoas jovens e adultas' não nos remete apenas a uma questão de especificidade etária mas, primordialmente, a uma questão de especificidade cultural". Pode-se dizer que um dos maiores problemas da EJA é essa questão da especificidade cultural, pois o sujeito não é considerado enquanto pertencente a certa cultura, a determinado local, a tal classe social, enquanto cidadão. É preciso historicizar o objeto de reflexão para não cometer o equívoco de apontar a todos os adultos e adultas sem escolarização como personagens abstratos.

E sendo o analfabetismo um problema que abrange todo o território nacional, se torna inimaginável a diversidade que compõe estes sujeitos, de forma que aqui temos uma segunda negação: ao retornar à escola, que por si só já é um trajeto difícil de ser trilhado, o sujeito da EPJA tem seu primeiro direito afirmado ao mesmo tempo em que lhe é negada uma educação que contemple suas especificidades etárias, culturais, étnicas, de gênero, trabalhistas, religiosas, de deficiência, enfim, sua identidade.

Depois de alguns anos de tropeços, recuos e atropelos, alguns princípios ficaram claros. A educação popular é a negação da negação. Não é um “método conscientizador”, mas é um trabalho sobre a cultura que faz da consciência de classe um indicador de direções. É a negação de uma educação dirigida “aos setores menos favorecidos da sociedade” ser uma forma compensatória de tornar legítima e reciclada a necessidade política de preservar

peças, famílias, grupos, comunidades e movimentos populares fora do alcance de uma verdadeira educação. (...) Negando realizar-se apenas como trabalho escolar (aquilo que começa na alfabetização e termina em um supletivo, ou em um curso eficaz de “qualificação” de mão-de-obra) a *educação popular* é mais um modo de presença assessora e participante do educador comprometido, do que um projeto próprio de educadores a ser realizado sobre pessoas e comunidades populares. Ela se realiza em todas as situações onde, a partir da reflexão sobre a prática de movimentos sociais e movimentos populares (...), as pessoas trocam experiências, recebem informações, criticam ações e situações, aprendem e se instrumentalizam. (*La Educación Popular Hoy en Chile: Elementos para Definirla*, sem indicação de autor, APUD BRANDÃO, 2006, p. 13).

É pensando na diversidade destes sujeitos que problematizamos a formação do educador que vai para a sala da EPJA, isto porque acreditamos em alguns princípios que fazem do educador um educador popular. Para bem definir a Educação Popular de que falamos, recorreremos à fala de Paulo Freire, patrono da educação brasileira:

O conceito de Educação de Adultos vai se movendo na direção do de educação popular na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências à sensibilidade e à competência científica dos educadores e das educadoras. Uma destas exigências tem que ver com a compreensão crítica dos educadores do que vem ocorrendo na cotidianidade do meio popular. Não é possível a educadoras e educadores pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade. O que acontece, no meio popular, nas periferias das cidades, nos campos – trabalhadores urbanos e rurais reunindo-se para rezar ou para discutir seus direitos -, nada pode escapar à curiosidade arguta dos educadores envolvidos na prática da Educação Popular. (FREIRE, 2001, p. 16)

Assim, afirmam-se as bases da educação popular, bases sólidas construídas coletivamente entre os sujeitos que a compõe, com a comunidade, com a luta diária destas pessoas, seja esta luta pela falta do que comer, ou do que vestir, ou do direito à escola e saúde de qualidade, trabalho, ou a soma delas.

A educação popular não é uma atividade pedagógica para, mas um trabalho coletivo em si mesmo, ou seja, é o momento em que a vivência do *saber compartilhado* cria a experiência do *poder compartilhado*. Em outras palavras, as práticas da educação popular representam desde já a vontade de criar espaços autônomos, espaços nos quais o manejo do poder se realize em forma compartilhada, dentro de uma crescente relação entre iguais. (*La Educación Popular Hoy en Chile: Elementos para Definirla* — sem indicação de autor APUD BRANDÃO, 2006, p. 13).

Por ser a educação popular comprometida com a realidade dos educandos, pensamos que é necessária uma EPJA que inclua a todos nas suas especificidades sem, contudo, comprometer a coesão nacional, e tampouco o direito garantido pela Constituição de ser diferente.

A produção de uma política pública de Estado para a EJA, centrada em sujeitos jovens e adultos com a expressão de toda a diversidade que constitui a sociedade brasileira é responsabilidade de governos e da sociedade com todos os seus cidadãos, de maneira a superar as formas veladas, sutis e explícitas de exclusão de que a desigualdade se vale.

Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos demais, do direito à voz, à participação, à reinvenção do mundo, num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser. (FREIRE, 2002, p.193)

Ao falarmos em sujeitos da EPJA, estamos falando em homens e mulheres maiores de 15 anos sujeitos de toda a diversidade étnica-religiosa-sexual-política brasileira e sujeitos a toda desigualdade social existente nesse país. Por isso, a EPJA não pode fechar os olhos para tal diversidade como tem acontecido há anos na educação brasileira “Compreender a forma de atender a diversidade dos sujeitos da EJA é extremamente necessário” (SECAD, 2009), por isso concordamos com Arroyo (2005) quando diz:

Diversidade de educandos: adolescentes, jovens, adultos em várias idades; diversidade de níveis de escolarização, de trajetórias escolares e sobretudo de trajetórias humanas; diversidade de agentes e instituições que atuam na EJA; diversidade de métodos, didáticas e propostas educativas; diversidade de organização do trabalho, dos tempos e espaços; diversidade de intenções políticas, sociais e pedagógicas... Essa diversidade do trato da educação de jovens e adultos pode ser vista como uma herança negativa. Porém, pode ser vista também como riqueza. Pode refletir a pluralidade de instituições da sociedade, de compromissos e de motivações tanto políticas como pedagógicas. (ARROYO, 2005, p.25)

E com o intuito de valorizar a diversidade e todos os aspectos que a compõem na EPJA, problematizamos a formação do educador popular que precisa ter muita sensibilidade ao trabalhar tal diversidade.

### **A Formação do Educador Popular**

Diante da discussão sobre a diversidade na EPJA, se faz necessário pensar qual é a formação do/a educador/a que atuará dentro desse contexto de exclusão e desatenção histórica à educação de adultos no Brasil. Muitos dos sujeitos da EJA têm história de fracasso, de não aprendizados, de frustrações com o meio escolar, e por isso não é possível repetir modelos e

manter abordagens e métodos infantilizados na EJA, que não valorizam o conhecimento dos/as educandos/as, sua trajetória de vida, sua identidade e sua psicologia de aprendizagem que é específica, segundo apontam as pesquisas de Oliveira (1999).

Por isso, este artigo tem como objetivo problematizar a formação do educador popular, este que tem a enorme responsabilidade de construir uma educação diferenciada junto aos educandos, não reproduzindo modelos que infantilizem a EJA, na qual o educador assume uma postura autoritária, tradicional, punitiva, sendo o dominador do saber. Aqui há a superação da chamada educação bancária<sup>7</sup> de que Paulo Freire fala em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, cujo caminho ele mesmo aponta, dizendo que a educação popular deve tratar o educando enquanto sujeito cognoscente, este que se assume em busca de, e não como a pura incidência da ação do educador (FREIRE, 2005).

Respeitando os sonhos, as frustrações, as dúvidas, os medos, os desejos dos educandos, crianças, jovens ou adultos, os educadores e educadoras populares têm neles um ponto de partida para a sua ação. Insista-se, um ponto de partida e não de chegada. (FREIRE, 2001, p.16)

E nesse processo de busca, há de se considerar toda a bagagem cultural e de experiências de vida dos educandos, assim como as características de seu meio, suas necessidades, suas expectativas em torno da educação e sua própria análise da realidade concreta. Nas palavras de Freire: “O senso comum só se supera a partir dele e não com o desprezo arrogante dos elitistas por ele” (2005, p. 16.) Promover uma metodologia que leve em conta as especificidades dos educandos é um fator condicional para uma educação que vai além da aquisição de conhecimentos prontos, mas que será construída coletivamente por educador e educandos movidos pelas necessidades que a educação poderá suprir em seu cotidiano, e por outras necessidades que só serão “reveladas” através da reflexão crítica, o que só a prática da educação popular pode proporcionar a ambos os sujeitos.

Assim, o educador é chamado a participar para contribuir, estar a serviço deste que é um trabalho não somente coletivo, mas também político, que atua especificamente no domínio do conhecimento popular:

O que justifica a Educação Popular é o fato de que o povo, no processo de luta pela transformação popular, social, precisa elaborar o seu próprio saber... Estamos em presença de atividades de educação popular quando, independentemente do nome que levem, se está vinculando a aquisição de uma saber (que pode ser muito particular ou específico) com um projeto social transformador.

---

<sup>7</sup> Por Educação Bancária entendemos “o ato de depositar em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante” (FREIRE, 2011, p. 80).

A educação é popular quando, enfrentando a distribuição desigual de saberes, incorpora um saber como ferramenta de libertação nas mãos do povo. Pelo que foi exposto antes, o fato é que se a educação popular pode ser entendida como uma atividade específica (não é toda ação assistencial, de trabalho social ou de política educativa) ela, por outro lado, não requer ser realizada no interior do sistema educativo formal, separada do conjunto de práticas sociais dos indivíduos. Muito ao contrário, a educação popular vem sendo desenvolvida no interior de práticas sociais e políticas e é aí precisamente onde podem residir a sua força e a sua incidência. (*La Educación Popular Hoy em Chile: Elementos para Definirla*, ECO, Educación y Solidariedad — sem indicação de autor, APUD BRANDÃO, 2006, p. 9).

É nesse espaço político de conscientização e reflexão que se desenvolve a educação, de fato, popular, educação que transforma ambos os sujeitos envolvidos no processo educativo – educandos/as e educadores/as. Todavia, para acontecer a educação popular, o educador tem que se posicionar politicamente desde a escolha de suas metodologias, de sua postura em sala de aula, da sensibilidade de considerar a bagagem cultural dos educandos, de provocar na aula a prática da reflexão e, sobretudo, conhecer as políticas públicas que afirmam e garantem a EPJA, de modo que este educador seja também um militante, que se conscientize a si mesmo e aos educados e lute junto a eles pela efetivação de seu direito de acesso e permanência na escola.

“Se caminharmos no sentido de que se reconheçam as especificidades da educação de jovens e adultos, aí sim teremos de ter um perfil específico do educador da EJA e, conseqüentemente, uma política específica para a formação desses educadores.” (ARROYO APUD SOARES, 2006, pág. 21).

Assumir esse posicionamento político frente à EPJA é indispensável para que a educação não se torne mais um obstáculo e algo como inalcançável na vida dos educandos/as. Não podemos desconsiderar todas as suas dificuldades e necessidades. Caso contrário estaremos apenas reproduzindo um padrão histórico de exclusão educacional que encontra suas raízes em uma pedagogia elitista e burguesa, que não considera os trabalhadores de forma geral.

### **Entrevista com educandas da EPJA**

A fim de trazer à tona aspectos que exemplifiquem toda a diversidade que compõem uma turma da EPJA, apresentaremos aqui um trecho de uma entrevista realizada em 2012 com educandas de uma das salas de EJA do município de Presidente Prudente-SP. São quatorze mulheres ao todo, que respondem às questões relativas à sua trajetória de vida focada no trabalho e estudos.

**Trabalha no que sonhou ser?**

**Educanda 1:** *“Não... meu sonho... “vixe” menina, pra eu “coisa” esse sonho tá duro hein. Sabe o que eu queria? (...) Queria ter estudo, eu queria ser uma médica... é, mas não tenho estudo.”*

**Educanda 2:** *“Olha, não é que eu gostaria, eu nunca sonhei com nenhuma profissão assim, mas não é que eu sonhei ser doméstica, é a necessidade que fez eu estar trabalhando... porque com o grau que eu tenho de escolaridade eu não posso fazer nem um concurso público. E... eu sonho... até voltei a estudar pra “mim” poder... tá certo que eu já “to” com 50 anos, mas acho que nunca é tarde. Gostaria de ser concursada.”*

**Educanda 3:** *“Nunca “fia”, sabe que eu nunca pensei nisso, eu trabalhei em serviço de roceira por não saber ler “né”, e eu perdi a esperança de um dia trabalhar num serviço melhor, nunca pensei nisso não.”*

**Educanda 4:** *“Ah nunca sonhei nada não, só em trabalhar... quando meu pai “ponhou eu” pra estudar, nós somos em sete irmãos e todos os outros se formaram, só eu e meu irmão caçula que não “se” formamos, mas porque não quisemos, porque na escola ele colocou, então agora que nós “se” arrependeu, voltamos pra escola.”*

**Educanda 5:** *Ah eu gostaria se fosse pra melhorar um serviço assim... como que eu falo, um emprego, registrado. Com certeza queria ser veterinária, como chama aquela profissão que lida com pássaros? É meu sonho... eu gosto muito do meio ambiente, sabe?”*

**Educanda 6:** *Não, trabalhei porque eu não tinha estudo “né”, eu tinha vontade de trabalhar assim numa firma, nunca tive oportunidade por causa do estudo “né”... Porque alguns anos aqui “tava” tendo aula, depois o prefeito não mandou mais professora pra dar aula pra gente, aí o que eu tava aprendendo eu esqueci tudo... Eu queria trabalhar numa firma assim como cozinheira, mas não tive oportunidade porque não tinha leitura, não sabia fazer uma receita, então eu cozinhava, assim, as coisas que eu sabia, que eu gosto muito de cozinhar, a coisa que eu mais gosto é cozinhar.”*

**Educanda 7:** *“Ah eu sempre gostei de trabalhar como doméstica, era o que eu queria, eu sempre gostei e meus “patrão” é igual um pai, me tratam muito bem, e eu faço meu serviço sempre bem feito, nunca minha patroa me chamou à atenção, não e porque eu “to” me gabando não.”*

**Educanda 8:** *“Ah gosto de trabalhar no meu trabalho, é, eu gosto de cozinhar.”*

**Educanda 9:** *“Meu sonho era ser costureira, e também outro sonho que eu deixei escapar era ser professora “né”, mas deixei escapar, tipo assim, não é que eu deixei escapar é que eu não tinha estudo pra isso.”*

**Educanda 10:** *“Eu trabalhava como doméstica, mas eu não gostava não, gostaria de ter uma coisa minha mesmo, de trabalhar num negócio meu mesmo, de marmitex”.*

**Educanda 11:** *“Não. Ai ai ai, eu sempre sonhei em ser enfermeira”.*

**Educanda 12:** *“Já trabalhei bastante de doméstica pra ajudar a criar meus filhos, se eu tivesse estudo naquele tempo eu teria tido um serviço melhor, mas não consegui “né fia”.*

**Educanda 13:** *“Não, eu gostaria de trabalhar em outro serviço, qualquer outra profissão menos catadora. Meu sonho acabou quando eu ainda era pequena “né”, que eu tive que trabalhar pra ajudar a criar meus irmãos, então meu sonho acabou muito pequena ainda, com 9 anos eu já ira pra roça “catá” algodão, carpir amendoim, então eu não tive tempo pra sonhar”.*

**Educanda 14:** *“Eu não, pretendo arrumar outros serviços melhores, ser vendedora”.*

#### **Quais sonhos você pretende realizar?**

**Educanda 1:** *“Mas tem muita coisa “fia”... ter uma casa grande e viajar, e se eu ganhasse assim na telesena eu tinha vontade de comprar um terrenão grande assim pra fazer pra esses desabrigados, único sonho que eu tenho é isso daí também”.*

**Educanda 2:** *“Conseguir concluir meus estudos até o fim, no momento assim eu não penso em fazer faculdade, mas vamos ver quando eu terminar “né”, aí talvez até lá eu já estou com... Meu sonho é fazer alguma coisa pra eu não precisar mais trabalhar de doméstica, ter uma profissão, ter capacidade pra ser outra coisa”.*

**Educanda 3:** *“Meu maior sonho que eu pretendo realizar é aprender a ler e a escrever pra eu poder ler a bíblia, porque eu morro de vontade de ler a bíblia”.*

**Educanda 4:** *“Comprar uma casa pra minha filha, terminar os estudos.”*

**Educanda 5:** *“A minha casa própria, que aos 72 anos ainda não consegui.”*

**Educanda 6:** *“Terminar os estudos “né”, porque a coisa que eu mais quero é aprender a ler e escrever, porque às vezes eu quero mandar um cartão no Natal pros meus filhos de moram em São Paulo, e não sei escrever um cartãozinho pra mandar pra eles “né”.”*

**Educanda 7:** *“Meu sonho é terminar a casa e depois da casa terminada eu “tô” querendo viajar pra Bahia, viajar pra outros cantos, depois de terminada eu vou poder passear.”*

**Educanda 8:** *“Que meus filhos sejam mais educados, porque eles dão muito trabalho aqui no bairro, uma condição melhor de vida pra eles “né”, terminar meus estudos, mudar de bairro”.*

**Educanda 9:** *“Agora eu pretendo continuar os estudos “né”, porque eu parei quando eu tinha 13 anos, então eu pretendo continuar até o ensino médio.”*

**Educanda 10:** *“Terminar minha casa, terminar meus estudos, tirar minha carta de motorista”.*

**Educanda 11:** *“De um dia terminar toda a minha casa, esse é meu sonho, o estudo eu voltei, mas parece que não tem mais aquele sonho assim, de chegar mais adiante, quero ver meu filho um dia casado, só isso mesmo”.*

**Educanda 12:** *“Ai acho que mais nada, eu já “tô” velha, quero assim que meus netos cresçam e sejam guiados que nem meus filhos, só isso que peço a Deus, meu sonho assim de não depender de ninguém pra fazer as coisas, mudar pra Rancharia”.*

**Educanda 13:** *“Ver meu filho formado advogado, continuar os estudos, me esforçar pra aprender”.*

**Educanda 14:** *“Terminar os estudos, ter um emprego melhor”.*

**Você acha que a escola pode contribuir para a realização do seu sonho? Em que?**

**Educanda 1:** *“Aprender a ler e assinar meu nome inteiro, porque o que passa na lousa assim eu escrevo “né”, mas só que eu não sei ler, penso em chegar à faculdade”.*

**Educanda 2:** *“Ela já está contribuindo “né” porque eu já estou aprendendo e depois eu vou ter a certificação pra poder prestar concurso.”*

**Educanda 3:** *“E escola vai poder me ajudar, vai depender do meu esforço, vou ter que estudar bastante.”*

**Educanda 4:** *“Vai poder sim me ajudar.”*

**Educanda 5:** *“Vai com certeza, por que a eu posso arrumar um emprego melhor, pra ajudar um pouco a aposentadoria “né”, aliás, a pensão, é uma alternativa minha”.*

**Educanda 6:** *“A professora tá muito empenhada em ensinar a gente, e eu tenho vontade de aprender”.*

**Educanda 7:** *“Vai, vai ajudar porque eu vou aprender mais ainda, agora “tô” com fé, agora que eu “to” na igreja, não sabia nem ler nem escrever, pedi pro pai celestial me ajudar, pra me atender, olha e me ajudou, “tá” me ajudando”.*

**Educanda 8:** *“Com o estudo que eles estão oferecendo, que aqui não tinha, teve há muitos anos atrás, mas parou.”*

**Educanda 9:** *“Continuar o programa que começou agora, até então eu queria estudar, mas não tinha uma oportunidade, porque sempre que abriam salas era de alfabetização, não era como agora de até a 4ª série, e se possível ter mais salas.”*

**Educanda 10:** *“Ajuda porque a gente “tá” aprendendo, quando eu era criança eu não tive possibilidade de estudar, porque naquela época as pessoas não deixavam muito crianças, principalmente meninas estudar, era pra trabalhar. Eu estudei, fui até o primeiro ano, mas eu não passei, e eu morava com meu tio e ele me falou ‘já que não passou então vai trabalhar na roça’, não deu chance”.*

**Educanda 11:** *“Ah acho que aprendi mais as coisas, muitas coisas que eu não sabia agora “tô” aprendendo ai com a professora”.*

**Educanda 12:** *“Ah não... não”.*

**Educanda 13:** *“Sim, a eu aprender”.*

**Educanda 14:** *“Acho que sim, que eu sempre quis estudar e aqui não tinha, vai me ajudar a conseguir meus estudos”.*

### **Considerações Finais**

Nosso esforço com o presente artigo foi problematizar a diversidade encontrada nos sujeitos que compõem a EPJA, de maneira a focar nossas ações e reflexões de modo mais condizente com suas especificidades e necessidades. Tal desafio também se justifica, pois concordamos com a argumentação de Di Girorgi (2002) quando o autor discorre sobre a capacidade criativa e inventiva no processo de cidadania. A partir das entrevistas aqui analisadas

podemos perceber que o mundo do trabalho esteve presente em toda sua formação enquanto ser humano.

Contudo esse vínculo com o trabalho não se deu de forma a promover a emancipação e uma humanização mais afetiva e justa. Na contramão dessa lógica o trabalho aparece como escolha urgente e necessária na vida das educandas de modo com que se afastem de seus sonhos e de suas ambições mais íntimas, corroborando para um determinismo sobre suas vidas explícito muitas vezes na fala: *“Fazer o que né? O caminho é esse mesmo...”*

As falas aqui expostas ajudam a entender a necessidade de construirmos coletivamente procedimentos de pesquisa e ação (pois a investigação pode ser sim uma meta intencionada para a transformação) que apontem caminhos para compreendermos de modo mais aguçado tal realidade de exploração a que foram submetidas. Fica nítido o papel e o potencial mobilizador que a Educação cumpre na vida das pessoas, garantido seu desenvolvimento pleno de suas capacidades ou excluindo-as de um universo cheio de possibilidades a partir de um “adestramento profissional” imposto pelo atual estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista, com sua globalização enquanto perversidade como lembra Santos (2011).

Tal perspectiva sobre a diversidade na EPJA remete necessariamente à consideração da dimensão política intrínseca (e por vezes abandonada!) no trabalho docente, seja por uma falta de formação profissional que dê conta de tal discussão e posicionamento político, seja por uma não identificação com essa postura. O educador/a popular é aquele que entende a diversidade para assumi-la enquanto consciência de classe necessária para a mudança. É aquele que intenta engajar todos para a luta de classes e fazer valer os direitos garantidos dos trabalhadores, já que aprendeu que a educação e o trabalho são categorias estruturantes e estruturais da formação humana que acompanham o indivíduo ao longo de toda sua existência.

### **Referências Bibliográficas**

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública.** In: Diálogos na educação de jovens e adultos / organizado por Leôncio Soares, Maria Amélia Gomes de Castro Giovanetti, Nilma Lino Gomes. Belo Horizonte: Autentica 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular.** Ed. Brasiliense, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm).

DI GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini. **Por Uma Escola À Altura Dos Desafios Atuais**. Quaestio – Revista de Estudos de Educação, vol. 4, n. 2, nov. 2002.

\_\_\_\_\_. **Cartas a Cristina**, p. 193. Editora Unesp 2ª edição revista, 2002.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação: ensaios**. 5 ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. Ed. ver. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FURLANETTI, Maria P. F. R. **Formação de Professores Alfabetizadores de adulto: o Educador Popular**. Tese de Doutorado. UNESP. Marília, 2001.

OLIVEIRA, Marta K. Educação como Exercício de Diversidade. **Jovens e Adultos como Sujeitos de Conhecimento e Aprendizagem**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED 2007, p. 61-83.

ONU. Art. XXVI, inciso I. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Assembleia das Nações Unidas, 1948.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 20 ed. 2011.

SECAD, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Documento Base Nacional Preparatório à VI CONFINTEA**, 2008.

SOARES, Leôncio. **A Formação Inicial do Educador de Jovens e Adultos: Um estudo da habilitação de EJA dos cursos de pedagogia**. ANPED, GT: Educação de Pessoas Jovens e Adultas / n.18, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT18-2030--Int.pdf>>. Acesso em: 15 out 2012.